

**Os confinamentos nossos de cada dia e confinamentos outros:
correlações heterotópicas entre Lima Barreto e Arthur Bispo do
Rosário**

The enclosures in our day to day bases and other enclosures: heterotopics
correlations between Lima Barreto and Arthur Bispo do Rosário

Daniele Gomes; Fernando Mello Machado
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO:

Este artigo pretende, a partir de diferentes experiências de confinamento, apesar das dessemelhanças conjunturais, explorar as relações criativas que podem ser tecidas entre os sujeitos, de modo a refletir sobre a sua constituição na interação com os espaços. Desde as produções de Lima Barreto e Bispo de Rosário podemos ver que ambos conseguiram se manter (cri)ativos ao longo da trajetória de sequestro institucional e sob o espectro do diagnóstico que os colocava em situação subalternizada e num lugar de impotência. Para tanto, a noção de heterotopia (FOUCAULT, 2013) colabora no entendimento desse tipo de espaço criativo que emerge nas obras em situações de urgência. Essas trajetórias se veem perpassadas pelas ideias de trânsito, passagem, aprisionamento, “prisioneiros da passagem”; a liberdade aparece no horizonte discursivo enquanto prática e nas fissuras por onde irrompem subjetividades forjadas no embate, na crítica, no diálogo e na resistência.

Palavras-chave: instituições psiquiátricas; Lima Barreto; Bispo do Rosário; resistência; criação.

ABSTRACT:

This article intends to explore the creative relationships that can be woven from the confinement, thinking about contemporaneity in the face of the current pandemic situation and from the Lima Barreto's and Bispo de Rosário's productions, since both managed to stay creative along the trajectory of institutional hijacking and under the diagnostic spectra that put them in a subaltern situation and in a impotence place. Therefore, the notion of heterotopia (FOUCAULT, 2013) collaborates in the understanding of that kind of creative space that emerges in the works in emergency situations. These trajectories are pervaded by the ideas of transit, passage, imprisonment, "prisoners of passage"; Freedom appears in the discursive horizon, as a practice and in the fissures through which erupts subjectivities forged in the clash, in the criticism, in the dialogue and in the resistance.

Key-words: psychiatric institutions; Lima Barreto; Bispo do Rosário; resistance; creation.

DOI: 10.12957/mnemosine.2022.66386

Introdução

A alienação mental, segundo determinação de instâncias médico-legais, foi responsável por isolar Lima Barreto (1881-1922) e Bispo do Rosário (1909 - 1989) em instituições psiquiátricas. Ambos atravessaram experiências-limite, isto é, algo “que ultrapassa o limite, sob o risco da dissolução do que somos e do que fizemos de nós” (LAVAL, 2018:109) e onde há a convocação para uma mudança de si como medida de sobrevivência. A alterização se faz necessária, haja vista a inseparabilidade entre as experiências e as possibilidades de transformação (LAVAL, 2018). São caminhos múltiplos e travessias diversas que propiciam um deslocamento nos modos de ser e estar, um traslado, uma mudança que se dá com/na experiência.

Nesse sentido, a noção de heterotopia, tal qual foi trabalhada por Michel Foucault (2006; 2013), contribui no que concerne ao entendimento do que pode operar no campo do possível e do imaginável dentro da perspectiva de interação e ocupação dos/com os espaços. São versões alternativas ao que se apresenta, atuam no campo da virtualidade¹; novas formas de narrativa que se estabelecem em espaços outros.

Há as heterotopias de desvio, tais como as instituições psiquiátricas, em que indivíduos que divergem da norma são alocados. Há também relações heterotópicas dentro dessas mesmas instituições, em que o espaço físico, pretensamente concebido como limitador dos excessos dos que ali se encontram, pode ser transformado de modo a colocar em questão a rigidez hierárquica e a perspectiva de silenciamento dos internos. É desde aí que emergem experiências transformativas (FOUCAULT, 2013). A obra (artística ou não) surge assim como constitutiva de subjetividades e modos de vida que buscam se afirmar ao lado (e apesar) do espaço tido como real. Assim, tanto agora como antes, é preciso reafirmar a potência das virtualidades, já que, de todo modo, estamos imersos mais do que nunca nos espaços virtuais proporcionados pelas tecnologias digitais.

Esse virtual – das redes sociais, por exemplo – tem uma conotação diversa da que indicamos primeiramente; porém sem dúvida possibilita um sem-número de formas de ser e estar no mundo por meio de uma via heterotópica, onde fronteiras temporais e espaciais se diluem e abrem espaço para o novo, onde algumas mudanças são inevitáveis. O conhecimento histórico e as significações narrativas daí construídas ajudam a problematizar o presente por intermédio do passado. Eles colaboram também para nos fazer sonhar e projetar um futuro otimistamente melhor. Narrativas de resistência do passado nos instruem acerca do presente e podem contribuir para que cheguemos ao dia

seguinte com força e esperança renovadas, apesar dos impactos que uma situação pandêmica como a atual gera em nossa subjetividade.

O rastro das narrativas históricas aponta que na Antiguidade diferentes culturas interpretavam outros estados mentais, como as alucinações e os delírios, associados contemporaneamente a um aspecto disfuncional, enquanto possessões espirituais e sinais de inspiração sagradas. Já as visões dos momentos de transe eram compreendidas como ponto de contato entre o mundo dos vivos e o dos mortos, ou mesmo como experiências de transcendência, previsão do futuro, revelação de augúrios, comunicação de profecias. Nesse momento, a ideia de loucura era um meio de conexão entre humanos e divindades/entidades extraterrenas ou metafísicas. Entretanto, com a ascensão do cristianismo e a primazia de seus beatos e santos, os loucos pagãos são paulatinamente segregados e destituídos da crença em seus poderes divinatórios, e admitidos enquanto agentes demoníacos, pecaminosos, representantes da maldade (RIBEIRO, 2019). Essa visão suprime uma série de experiências da loucura outrora incorporadas ao meio social, representando um fechamento histórico e um cerceamento antropológico do tema.

Na Idade Média e no Renascimento, com a emergência do pensamento racionalista, essa segmentação se agravou (RIBEIRO, 2019), concernindo aos denominados insanos um espaço à parte, isolado dos considerados sãos. A embarcação, por exemplo, era um dos lugares para os quais estes sujeitos eram destinados; o barco tem sua representação simbólica na nau dos loucos – alegoria observada em algumas telas de Bosch (1450-1516) – e outras obras que aludem não somente aos traslados dos loucos propriamente ditos, mas a certa desorientação humana acerca dos seus percursos e destinos, haja vista que a firmeza da terra é associada à razão e o mar às instabilidades e desorientações mentais.

Há relatos de embarcações repletas de desatinados aportando em cidades renascentistas que ora absorviam esses indivíduos, ora os encarceravam ou rechaçavam, condenando-os à errância (FOUCAULT, 2017). A figura da embarcação incorpora a ideia de segmentar aqueles sujeitos que, por alguma razão, destoam de comportamentos social e moralmente aceitos, ou seja, os desviantes devem ficar aglomerados e cerceados em um único lugar. As naves ou naus, além de apontar para o afastamento da estabilidade da terra firme, têm por vezes como seu direcionamento rumos desconhecidos. Dentro dessa

segmentação é possível encampar experiências outras com o espaço, singrando mares que direcionam para horizontes incógnitos.

Um navio é um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que existe por si só, que é fechado sobre si mesmo e que ao mesmo tempo é dado à infinitude do mar. E, de porto em porto, de bordo a bordo, de bordel a bordel, um navio vai tão longe como uma colônia em busca dos mais preciosos tesouros que se escondem nos jardins. Perceberemos também que o navio tem sido, na nossa civilização, desde o século dezesseis até os nossos dias, o maior instrumento de desenvolvimento econômico (ao qual não me referi aqui), e simultaneamente o grande escape da imaginação. O navio é a heterotopia por excelência. Em civilizações sem barcos, esgotam-se os sonhos, e a aventura é substituída pela espionagem, os piratas pelas polícias (FOUCAULT, 2013: 7).

O barco entra como uma figura de liberdade, movimento, deslocamento, potência, interlocução com a diferença no contexto de um pequeno ponto isolado cercado pelo oceano. Isso abre campo para a deriva, para um lançamento do sujeito além daquilo que se concretiza como um dado de realidade. Logo, as heterotopias de desvio, calcadas na exclusão, não implicam um controle plenamente eficaz das condutas dos sujeitos, havendo sempre linhas de fuga no processo, cuja ideia tangencia outras formas de se relacionar com o espaço, como veremos na discussão a seguir.

Heterotopias no percurso da saúde mental no Brasil

Ao longo do século XIX, com a valorização do discurso científico dentro da sociedade brasileira e a correspondente afirmação da ordem médica nas políticas públicas de saúde, sobrepondo-se às perspectivas caritativas e religiosas, assumiu-se que os que se desviavam de um modelo de racionalidade, descambiando para o que era interpretado como um excesso passional ou uma fraqueza da vontade, deveriam ser encaminhados para instituições asilares de cunho alienista. Essas edificações, com sua intensiva estrutura disciplinar, passam a ordenar a circulação dos corpos a partir do controle de acesso aos espaços, junto com medidas restritivas da liberdade individual no que diz respeito ao controle das atividades segundo uma rotina prescrita, com o auxílio de fármacos, grades e outras medidas de contenção. Isso é pensado dentro de um quadro que suscite uma subordinação frente à vigilância, até que seus parâmetros sejam incorporados e, de certa maneira, interiorizados.

Os “loucos” na capital do Império, num período ainda sem asilos especializados, seriam os portadores de uma modalidade singular de transtorno: “de todas as moléstias a que o homem é sujeito, nenhuma há cuja cura dependa mais do local em que é tratada do que a da loucura” (DE-SIMONI, 2004: 142). Era, portanto, uma questão da maior importância para as autoridades imperiais a construção de asilos públicos de grande porte,

marcados pela imponência e por concepções arquitetônicas que conjugassem compromissos higiênicos (permitindo uma adequada circulação do ar, por exemplo) e estéticas (que afirmassem a grandiosidade do poder imperial a partir de seu impacto visual) (CLAPER, 2020). Nesse contexto, sobressai a inauguração do Hospício de Pedro II (HPII) em 1852 (posteriormente nomeado Hospício Nacional dos Alienados- HNA), onze anos depois do decreto que determinava a sua construção, sendo esse um dos primeiros atos implementados após a maioridade do imperador ser instituída. O Hospício se afirmava enquanto medida saneadora, uma vez que, sob a ótica das autoridades, com o crescimento populacional, um contingente de desviantes circulava em maior número na capital, a ponto de motivar intervenções cunhadas na ordem pública (ENGEL, 2001).

Vemos, portanto, a reafirmação da primazia da primeira especialidade médica a aparecer no campo da medicina: a psiquiatria (FREITAS JUNIOR, 2001). As dimensões políticas e científicas se correlacionam ao sabor de uma nova sensibilidade emergente, que se acreditava humanizadora, na abordagem do problema da loucura. Após o HPII, foram construídas outras instituições, públicas e privadas, ao longo do território nacional, que mudaram sua filosofia de tratamento e suas características no decorrer dos anos, de acordo com as críticas provenientes da opinião pública, do próprio meio médico e das autoridades sanitárias. Um ponto de inflexão particularmente importante foi a alteração da forma de governo na última década do século XIX.

No seu rastro, surgiram sucessivas reestruturações no modelo de assistência que visavam aumentar a presença da autoridade médica tanto quanto buscavam ampliar e diversificar os moldes da rede asilar (MOREIRA, 1905). Essas mudanças implicavam alterações significativas na estruturação do espaço manicomial e na distribuição de sua população asilada, cujas reverberações vão ocorrer na maneira como os internos, a equipe cuidadora e os familiares vão interagir com e na ambiência. Se os hospícios apostavam em um modelo fechado e mais restritivo, as colônias operavam dentro de uma lógica de não encarceramento, mediada pelo afastamento da urbe e na imersão em novas possibilidades dentro de uma experiência de isolamento, muito embora não raro se observasse o simulacro de uma realidade cidadina, uma reprodução das relações de poder dadas de antemão e a manutenção de práticas terapêuticas disciplinarizantes.

Destarte, é importante salientar que por mais que esses espaços (hospícios e colônias), por meio de práticas invasivas e violentas - cuja disposição arquitetônica é pensada para reprimir e orientar as ações -, busquem ressubjetivar e desumanizar seus internos, também é possível resistir, insurgir-se, desobedecer e fissurar essas relações de

poder. Assim, o isolamento ganha nuances constitutivas ao ser compreendido como heterotopia (FOUCAULT, 2006; 2013), que dissolve com dicotomias como dentro e fora, público e privado. Ou seja, um lugar (*topos*) outro (*hetero*), diferente do que está estabelecido e do que poderia ser pensado até então, no qual os emergentes modos de existir tecem outras condições de possibilidade, que pareceriam incompatíveis, mas que solicitam rupturas com as relações que se têm com o tempo cronológico, com as imposições sistêmicas, com as experiências de mundo e com dimensões discursivas previamente estabelecidas. Cabe acentuar e expor a sutil diferença de elaboração entre “outro espaço” e “espaço outro”. A primeira expressão parte do Um: tomado como parâmetro, regra, medidor e qualquer alteridade é categorizada a partir dele. Já o segundo modo de expor atua pela adjetivação, criando assim atribuições, dando uma condição nova ao substantivo, enfatizando-o. Essa mudança visa retirar a ideia de um referente que lhe sirva de parâmetro anterior e de limite discursivo.

Se “a utopia é outro mundo. A heterotopia é uma pequena distância em relação à realidade que nos permite habitá-la de outro modo” (FERNÁNDEZ-SAVATER, 2011: 253). Enquanto a primeira está na linha reta do discurso, na medida em que a linguagem e o espaço estão entrecruzados idealmente, construindo uma representação com aquilo que seria desejável e está sempre por vir, a segunda busca desviar dos enunciados para potencializar os territórios, ser heterogênea, um não lugar de poder, a possibilidade de alterar e se alterar, sendo realizável a partir de um deslocamento no espaço (LAVAL, 2018) que pode ser compreendido a partir da metáfora da figura do espelho.

No espelho, eu me vejo onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície; estou ali onde não estou; uma espécie de sombra que me confere minha própria visibilidade, que me permite olhar-me ali onde sou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente e tem, no local que eu ocupo, uma espécie de efeito de retorno; é a partir do espelho que me descubro ausente do local onde estou, já que me vejo ali. A partir desse olhar, que de certa forma se dirige a mim, do fundo desse espaço virtual do outro lado do vidro, eu retorno a mim e recomeço a dirigir meus olhos a mim mesmo e a me reconstituir ali onde estou (FOUCAULT, 2013:116)

Esse movimento de reflexão provocado pela percepção no vidro adquire realidade nesse tempo e pelo espaço que o circunda, ao passo que é irreal porque precisa da percepção para deixar de ser virtual e se atualizar (FOUCAULT, 2013). Assim, nos deslocamos dos discursos produtores de verdade para contemplar, procurar e escutar outras perspectivas, narrativas, experiências, práticas e saberes que escapam às narrativas dominantes e transitam por diversas veredas, sejam elas da criação ou de relações renovadas com o tempo e com o espaço. As instituições de isolamento de pessoas tidas

como doentes em função de sua condição mental estigmatizada, como clínicas psiquiátricas, manicômios, colônias e hospícios onde “se alocam os indivíduos cujo comportamento é desviante em relação à média, ou à norma exigida” (FOUCAULT, 2013: 117) justapõem inúmeras espacialidades. Lima Barreto e Bispo do Rosário ao mesmo tempo questionam, ampliam as possibilidades de seus alicerces e experienciam heterotopias, sendo a “experiência aquilo que permite fugir das condições de possibilidade de uma época, o que traz em si pelo menos a virtualidade de um deslocamento, de uma modificação do quadro e do modo de vida, de uma transformação de si” (LAVAL, 2018: 109).

Gestos insurgentes em experiências criativas

É no processo de asilamento da população entendida como alienada a partir do século XX que se inserem os trabalhos de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) no Hospício Nacional dos Alienados e Arthur Bispo do Rosário (1909 - 1989) na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá². Em ambos os casos, se observa uma prática disciplinar, moralizadora e repressiva junto a indivíduos que, como eles, certamente se contrapunham a algumas das amarras às quais se viam constrangidos e buscavam estabelecer uma relação ao mesmo tempo (cri)ativa e insurgente dentro dos espaços em que se viam confinados (era o mesmo método da “reclusão” utilizado na Idade Média, como dizia Lima Barreto (2017). Esses embates, antagonismos, revelam pequenas tensões transformativas, haja vista que os espaços não são vazios, homogêneos e unívocos, mas “um conjunto de relações que definem alocações irreduzíveis umas às outras, e absolutamente não passíveis de sobreposição” (FOUCAULT, 2013: 115) e em suas frestas, os espaços são engendrados por resistências. Ao questionar a maneira como fora introduzido e conduzido nas dependências do hospício, falando também de seus pares, utilizando-se de materiais proporcionados pela própria instituição (lápiz e papel), Lima Barreto se desloca de uma posição subalterna, de dentro de um sistema que o subsumia, para um Fora, como um observador ativo e crítico, operando nas brechas dessa instituição a partir dos próprios materiais por ela proporcionados. Vemos nesse movimento uma criação de espaços outros.

Já com Bispo do Rosário se passa um processo distinto, por outras vias e utilizando-se de uma linguagem diferente. Por mais que tenha ficado internado por aproximadamente cinco décadas, o claustro não era pleno, Bispo saía da Colônia para visitar a família Leone, para a qual trabalhou em atividades domésticas. Além disso,

recusava-se a consumir determinadas medicações, deixava o cabelo crescer e até mesmo, em alguns casos, devido ao seu porte de pugilista, ajudava a equipe de enfermagem a conter e a medicar alguns internos - motivo pelo qual podia circular após o toque de recolher, tomar café com funcionários, chegando a receber o epíteto de “xerife”. Ademais, sua intervenção nos elementos que constituem o asilo foi extremamente singular; afinal, ele desfiava os uniformes azuis para construir suas obras e também transformou sua cama e sua cela em instalações artísticas, adicionando elementos e recompondo-as. Quando sua potência criadora extrapolou esses poucos metros quadrados, ele ocupou outras celas de seu pavilhão de internação que estavam abandonadas.

Hospitais e colônias são locais que já abrigaram tantos artesãos, músicos, tantos trabalhadores manuais e intelectuais, tantos artistas em seus atos de bravura: anônimos e silenciados diante das maiores adversidades. Destacamos dois pontos nessa constelação de referências. Respectivamente, temos um no asilo fechado, outro em um asilo que se propõe a ser “aberto”. As épocas também são diferentes, o que modifica as concepções de tratamento propostas pelos discursos médicos. Blanchot (*apud* LAVAL, 2018) indica que o espaço pode ultrapassar os limites da temporalidade e da própria espacialidade em seu aspecto material, atuando como uma metáfora, levando a experiência para um outro “lugar”, seja na literatura, seja nas artes plásticas. Assim, Bispo e Lima atuam por meio de linguagens díspares na direção de uma experiência criativa que transcende os seus papéis sociais e os limites em que se viam circunscritos dentro daquilo que era pensado em instituições asilares. Dessa forma, as modalidades expressivas se aproximam no movimento de criação de novas vias existenciais em espaços (re)inventados. Esses gestos artísticos não devem ser interpretados numa grade interpretativa rígida de duas ou mais trajetórias de vida; são atos de rebeldia, insurgência com relação aos ditames institucionais no contexto de enclausuramento, isolamento.

Lima Barreto esteve internado no HNA em duas ocasiões: em 1914 e em fins de 1919, início de 1920. Ambas as vezes ficou por um curto período recluso se compararmos à estadia de Bispo, por exemplo; no natal de 1919 ficou por três meses. Nos cinco anos que separam esse evento do anterior, sua situação física se degradou bastante, conforme o comprova uma rápida comparação de fotografias suas de ambas as épocas. O exame físico indicava danos orgânicos diversos e seu próprio relato aponta um comprometimento relativo de sua condição subjetiva. Ainda que reconhecesse o delírio que o havia colocado ali, fato que se deu por intermédio de seu irmão e pelas mãos da polícia, continuava, porém, tão arguto e disposto a narrar o que com ele se passava quanto

na época em que escreveu seus principais romances. Inclusive, essa percepção é reforçada pelo relato clínico oficial, uma vez que encontramos menções a sua capacidade intelectual na ficha de admissão médica, bem como há considerações acerca da abrangência dos seus conhecimentos, entendida então como inusual para um interno naquelas condições (SCHWARCZ, 2017).

O romancista tomou notas ao longo dessa segunda internação, indagando sobre a cor predominantemente negra dos internos indigentes da Seção Pinel; comentou sobre a forma paternal e amistosa com que foi atendido por Juliano Moreira; sobre o livresco, mas não totalmente antipático, Henrique Roxo - ambos, figuras importantes na história da psiquiatria no Brasil. Foi atendido também por antigos colegas seus de curso universitário, ele da Engenharia, eles da carreira médica, alguns dos quais foram possíveis alvos da sua sátira em jornais de faculdade. Alegrava-se com o fato de não nutrirem por ele inimizades por uma “pilhéria ou outra” que poderia ser atribuída a seus escritos, já que eram feitos anonimamente ou sob pseudônimos. Um alienista em especial, da Seção Pinel, lhe gerava arrepios, por ser adepto fervoroso de quaisquer novidades terapêuticas e procedimentos cirúrgicos do campo, haja vista que elas incluíam alterações radicais nos corpos de suas “cobaías”.

Lima sentia-se frequentemente humilhado; tratado de forma sub-humana e de maneira cruel pelos guardas, alguns cuidadores e outros internos. Seus pares não recebiam tratamento melhor, segundo seus relatos. Pensionistas, situação em que Lima esteve em alguns momentos, tendiam a possuir condições de hotelaria mais amenas, em função da contribuição financeira existente. Já os indigentes eram aglomerados em seções com ainda menos privacidade e sossego. Ambos tiveram os delírios descritos, alguns dos quais incluíam, segundo sua avaliação, o costume generalizado do “doutoramento” e do “anelado” brasileiro, que representava a ostentação de uma “pose” e alguns lampejos de instrução, ao invés de um cabedal de conhecimentos mais variado; contra isso ele direcionava seu humor, seu sarcasmo e sua ironia.

Essas estratégias discursivas buscavam o confronto e a denúncia, visando desempenhar uma “missão social da literatura”, que para o autor era a única que interessava: constituía um dedo na ferida dos preconceitos, do racismo e da misoginia (que se expressava pela tolerância das autoridades para com aqueles internados em função dos crimes contra as mulheres que supostamente teriam atentado contra a honra de seus maridos). Lima passa um pente fino nessas diversas nuances, não poupando quase ninguém das críticas, nem a si mesmo. Algumas poucas figuras da sua vida foram alvo

de devoção absoluta, como o “preto” Manoel de Oliveira (ele próprio escravo recém-liberto, egresso das fileiras de internos da Colônia para Alienados da Ilha do Governador, as primeiras do gênero no Brasil). Este ajudou, inclusive financeiramente, a família Lima Barreto e com o escritor compartilhou ensinamentos acerca da diversidade e riqueza da cultura afro-brasileira, para muito além do que os nossos “bacharéis” poderiam admitir.

Consonante a isso, a questão racial se faz presente na obra de Lima, tanto quanto a própria loucura, antes de suas primeiras estadias em hospícios (BARROS, 2016). Veja-se, por exemplo, essa descrição do HNA que está em *Policarpo Quaresma*, escrito e publicado anos antes de sua primeira passagem pelo local:

Só o nome da casa metia medo. O hospício! É assim como uma sepultura em vida, um semienterramento, enterramento do espírito, da razão condutora, de cuja ausência os corpos raramente se ressentem. A saúde não depende dela e há muitos que parecem até adquirir mais força de vida, prolongar a existência, quando ela se evola não se sabe por que orifício do corpo e para onde (BARRETO, 2014: 59).

É interessante como Lima desconstrói os liames normalmente estabelecidos entre a “razão condutora” (“de cuja ausência os corpos raramente se ressentem”) e a saúde, ou a sanidade mental. Pelo contrário, um pouco menos de razão poderia significar um incremento na força vital. Lima não era afeito ao romantismo, mas demonstra que era capaz de se contrapor aos avanços racionalistas dentro do saber que se desdobrava nas regiões da loucura. Tal pensamento vai de encontro à tese alienista clássica adotada inicialmente pela medicina mental brasileira incipiente, de que a loucura seria fruto de um déficit na racionalidade, fraqueza da vontade e, posteriormente, disparada pela degenerescência. A referência a uma “sepultura em vida” de Lima, ou a um “cemitério dos vivos”, como ficou o título final de sua obra inacabada, remete ao estado de desvitalização ou de sub vida/existência em que se encontravam o espaço e os sujeitos que nele estavam internados. Diante disso, proclamava: “Não quero morrer não; quero outra vida. Não lhe disse isso ao doutor H., mas lhe quis dizer” (BARRETO, 2017:46), conclamando assim a necessidade de encontrar modos outros de existir, sobretudo no espaço do hospício.

De fato, a menção a um “cemitério dos vivos” nos “domínios do Dr. Julianio Moreira” não parecia ter sido adotada originalmente por Lima. É possível encontrar pelo menos um jornal anterior a seus escritos que continha esse tipo de metáfora. Era a morte em vida, a mortificação de tudo que havia de belo na existência; frente a esses atravessamentos, ele se viu na necessidade de elaborar os acontecimentos que

testemunhou, externalizando através da escrita (jornalista que sempre foi). Nas miudezas de seu cotidiano, essa mortificação se revelava aos poucos, de maneira não apressada.

Em contrapartida, o ato de escrever potencializava seu posicionamento frente a essa mortificação, recolocava as questões, subvertia os atributos negativos colados à experiência manicomial. Ali, ele se via na frenética ocupação de tomar notas para um romance vindouro e isso vivificava aqueles seus momentos de clausura, quando se via obrigado a exercer atividades que achava degradantes. Contudo, lembrou cânones literários que teriam passado por infortúnios semelhantes e, ato contínuo, deleitava-se com Júlio Verne na biblioteca da Seção Calmeil, onde preferiu ficar internado. Podia, entre os livros, se aventurar como Nemo (pseudônimo, aliás, adotado por seu pai para relatar suas atividades à frente das Colônias da Ilha do Governador)³, mas não sem ser frequentemente interrompido por gente pedindo cigarros, propondo uma leitura compartilhada (o que lhe incomodava), ou se vendo involuntariamente envolvido em contendas.

No *Diário do Hospício* e no *Cemitério dos Vivos*, mais especificamente, Lima se debruçou sobre as possíveis causas da alienação, que poderiam se alocar: na busca pela riqueza, no apego aos títulos, nas frustrações que impediam alguns de ascender socialmente (como fatores raciais, por exemplo), na hereditariedade, no provável “contágio” da loucura (com indivíduos aglomerados no mesmo espaço), no consumo da bebida alcoólica em excesso. Sempre dialogando com os teóricos médicos do período, ora contemporizando, ora atacando as suas teorias, apostando no amor, de um nível mais físico ao mais ideal, como uma possível cura para a “loucura”. Contudo, afirmava que nenhum alienista sincero poderia cravar com convicção que jamais teria penetrado no seu véu insondável, haja vista que não detinham clareza na compreensão de suas causas, não sendo, por isso, capazes de suprimir o seu “gérmen” e nem as suas manifestações exteriores, nos comportamentos desviantes.

Tomava nota sobre os médicos, que, por sua vez, faziam os seus registros, em documentos, a seu respeito. E, assim, vão se escrevendo diferentes narrativas sobre alcoolismo e loucura; a do interno, supostamente invertendo a lógica de poder inerente àquele espaço asilar. Uma heterotopia possível; uma perspectiva criativa e reativa diante daquela engrenagem relativamente rígida de saber-poder que operava muitas vezes no sentido de silenciar lugares de fala como os de Lima, através da submissão justificada

pela tutela, conforme observamos a seguir, em relato extraído do seu *Diário do Hospício* (2017: 193).

O terrível nessa coisa de hospital é ter-se de receber um médico que nos é imposto e muitas vezes não é da nossa confiança. Além disso, o médico que tem em sua frente um doente, de que a polícia é tutor e a impessoalidade da lei, curador, por melhor que seja, não o tem mais na conta de gente, é um naufrago, um rebotinho da sociedade, a sua infelicidade e desgraça podem ainda ser úteis à salvação dos outros, e a sua teima em não querer prestar esse serviço aparece aos olhos do facultativo [médico] como a revolta de um detento, em nome da Constituição, aos olhos de um delegado de polícia. A Constituição é lá pra você?

Era o poder repressor do Estado fazendo valer suas prerrogativas sobre indivíduos e grupos minoritários, perturbadores da ordem familiar ou pública. Lima, e outras vozes insurgentes como as dele, representam essa recusa em se colocar nesse lugar de “utilidade para a salvação dos outros”, como párias ou bodes expiatórios. São vozes que se levantam contra a situação de submissão em que se veem enredados sob a justificativa, por parte das autoridades, de proteger a sociedade de sua presença “perturbadora”, haja vista que a ameaça do hospício pairava sobre as condutas desviantes. Cada indivíduo alocado nas dependências do asilo deveria ser um objeto de estudo, experimentação e vigilância para curar esse mal social que representava. Nesse sentido, “a bebedeira e a loucura” de Lima, em especial, equivaliam ao diagnóstico mais utilizado como causa de internações no início do século XX no HNA: o alcoolismo (COSTA, 1980).

Isso refletia uma questão social, pois não houve um planejamento político adequado, por exemplo, para a inserção dos recém-libertos no mercado de trabalho e na sociedade como um todo. Lima era descendente direto de escravizado, da parte do pai e da parte de sua mãe. O estigma da sua cor o acompanhou durante toda a vida, conforme relata. Questões dessa natureza impactavam fortemente o escritor: único negro e o de origem mais humilde em sua turma de engenharia da Escola Politécnica, se viu incapacitado de terminar o curso, bem como não conseguiu, em sua época, se inserir no *mainstream* literário. O adoecimento e a aposentadoria precoce de seu pai (diagnosticado com “neurastenia cerebral”), assim como suas seguidas tentativas frustradas de obter reconhecimento em sua profissão de escritor, mergulharam-no ainda mais no obscurantismo e nas bebidas.

Hidalgo (2007) destaca a “urgência” como um elemento importante na escrita de Lima. Uma literatura de urgência e feita na urgência, quando a própria constituição subjetiva do indivíduo se vê na iminência de se esfacelar. Nesse sentido, a obra exerce um papel que consiste numa “forma de reconstituição de si” dentro dos domínios de um

asilo fechado. Na construção de um “espaço autobiográfico”, surge essa obra representativa de um movimento de lidar com uma situação extrema. Isso se conecta com a ideia de uma experiência-limite, refazendo identidades previamente definidas, tensionando nossos modos de ser e existir, numa espécie de esgarçamento existencial. Esse tipo de produção, com o potencial de (re)inventar espaços e estabelecer novos modos de existência em condições drásticas, que pode ser disparado a partir do isolamento, se conecta às intervenções artísticas de Bispo, num contexto em que a urgência do momento se desdobrou em anos e décadas. As dissociações que o isolamento impõe, conduzindo frequentemente a um ensimesmamento, levam a situações de fragilização dos laços que conectam ao outro e às virtualidades de si. Face a isso, insurgem-se atos disruptivos, reativos e contestadores. Expressar-se, artisticamente ou não, de alguma maneira é também uma forma de se reconectar à alteridade e às virtualidades que compõem o tecido da constituição subjetiva.

Foi desalinhando os uniformes e lençóis dos internos da Colônia Juliano Moreira, reordenando e reinterpretando os objetos que compunham esse espaço, coletando coisas rechaçadas, consideradas restos, lixo, sobras, bordando e fiando artesanalmente, imerso em um mergulho na duração do tempo e das memórias, que Arthur Bispo do Rosário foi produzindo suas obras e tecendo sua existência, priorizando a criação e secundarizando o discurso patológico; em suma, propondo um modo outro de ocupar e circular pelo espaço e de apreciar o cotidiano. Na medida em que não se limitava à categorização estabelecida pelo diagnóstico médico, que o queria transformar em entidade hospitalizada, Bispo se reconfigurava enquanto sujeito desejante, (re)construindo o mundo e criando seu próprio universo, que, segundo ele, seria apresentado a Deus no dia do Juízo Final. Se os uniformes buscam padronizar e solapar as singularidades, potencialidades e afetividades, Bispo sutilmente os dismantela e se afirma enquanto sujeito criador, bordando o seu Manto de Apresentação, sua veste de honra e de encontro com o ser supremo. O manto, concebido para o dia de sua passagem final, é um objeto que recobre, protegendo, e ao mesmo tempo serve de passaporte para outros modos de ser.

Ao trajar e se envolver com o Manto, Bispo não adquire um outro corpo, mas sim estabelece uma conexão, uma “comunicação com poderes secretos e formas invisíveis” (FOUCAULT, 2013a:12), visto que lança em sua carne “toda uma linguagem enigmática, toda uma linguagem cifrada, secreta, sagrada, que evoca para este mesmo corpo a violência do deus, a potência surda do sagrado ou a vivacidade do desejo” (FOUCAULT,

imaginário que se comunicara com o universo das divindades ou com o universo do outro” (FOUCAULT, 2013a, p.12). Deslocando-o, projetando-o a um espaço outro, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço.

Sua composição ocorreu no decorrer dos anos. Um transcorrer cronológico condizente com a grandiosidade e extensividade de sua missão. Nessa minuciosa obra, há tanto uma compilação do universo interior de Bispo quanto nuances de sua trajetória existencial, memórias, percursos, marcas, processos inconscientes, expostos por meio de uma escrita-bordada, onde interior e exterior atuam como ponto de contato, lugar de sensibilização. Na parte exterior há rosas dos ventos, bandeiras, brasões, dados de jogos, coroas, embarcações, globo terrestre e inúmeros símbolos, palavras, números, signos, além de bordados sobrepostos; nós, linhas soltas, cordas e um patuá em cores vivazes ordenadas de um modo particular, que oferece muitas entradas de afetação e de

compreensão. Em seu interior há uma imensa espiral formada por nomes de pessoas queridas, protegidas, estimadas por Bispo.



Figura01



Figura02

Recobrando seu corpo com o Manto de Apresentação, Bispo se coloca de um modo outro: como artista, como ser que transcende a humanidade e se aproxima da divindade, se alterando e alterizando de modo radical. Isso se insere numa discussão acerca da simbologia em torno das vestimentas, dos signos ostentatórios ou estigmatizantes, demarcadores de identificação social, a exemplo do uniforme destinado a internos como Lima Barreto e Bispo. Paramentos podem implicar na projeção para formas outras de ser e experimentar o espaço circundante, de ver e ser visto a partir do próprio corpo, concebido dentro de uma perspectiva utópica, isto é, como um campo de possibilidades. Sagrado e profano, civil ou militar: são modos de estar que se constituem a partir da imagem projetada diante de outrem.

E se considerarmos que a vestimenta sagrada ou profana, religiosa ou civil faz com que o indivíduo entre no espaço fechado do religioso ou na rede invisível da sociedade, veremos então que tudo o que concerne ao corpo - desenho, cor, coroa, tiara,

vestimenta, uniforme tudo isso faz desabrochar, de forma sensível e matizada, as utopias seladas no corpo (FOUCAULT, 2013b: 13).

Foi a visão de Cristo descendo à terra rodeado por anjos azuis, no dia 22 de dezembro de 1938, que o incumbiu da missão de inventariar o mundo para o dia do Juízo Final. Em um de seus estandartes, expõe seu relato.

Vini terra, Tambardilho -22 Dezembro 1938- meia noite acompanhado por 7 anjos em nuvens especiais forma esteira - mim deixaram na casa nos fundos murado rua São Clemente 301- Botafogo entre as ruas das Palmeiras e Matriz eu com lança nas mão nesta nuvens espírito malíssimo não penetrará as 11 horas antes de ir ao centro da cidade na rua Primeiro de Marco –Praça 15 eu fiz oração do cledo no corredor perto da porta veio a mim – Humberto Magalhães Leoni – advogado Mestre para onde eu ia perguntou eu vou mim apresentar- na igreja da Candelária esta foi a minha resposta. Eu abri a porta lado leste um jardim de flores[...] [sic] (ROSÁRIO, apud HIDALGO, 2011: 7).

Após essa revelação divina, ele andou até o Mosteiro de São Bento, no centro da cidade do Rio de Janeiro, sendo encaminhado ao HNA e posteriormente transferido para a Colônia Juliano Moreira. Sob o diagnóstico de “esquizofrênico-paranóico”, o sergipano, negro, pobre, recebeu o número de paciente 01662 e passou mais de 50 anos de sua vida internado, mais precisamente no Pavilhão 10 do Núcleo Ulisses Vianna, que também recebia egressos do sistema judiciário e representavam um perigo à sociedade. Podemos perceber a transformação impingida à imagem desse sujeito inserido no processo de encarceramento ao ser referido não mais pelo nome próprio, mas sim por um número. “Abjeto”, compôs possibilidades de ser e estar na reclusão a partir de so(m)bras, tornando-as sacras e entrelaçando a aura dos objetos, seu valor de culto e de exposição (BENJAMIN, 1994), e embaralhando noções como “arte”, “feiura” e “utilidade”. Afinal, as linhas que tecem as discussões em torno das produções artísticas, em especial as artes visuais, são permeadas por indagações tais como: a utilidade ou não das obras, o que podem provocar, se deve haver ou não preocupações com noções como belo, harmonia, equilíbrio etc. Em seu processo, Bispo tangenciava essas questões, já que seu trabalho voltava-se para Deus e não para os humanos.

Ele, portanto, navegava por rumos outros, imprevistos e inusitados. Nesse percurso, é possível notar a relevância que o mar e as embarcações de diversos tipos, como navios, fragatas, botes, destróieres, caravelas, galés, galeras, galeões e barcas, tiveram em sua constituição subjetiva e criaram marcas em seu corpo. Marcas essas compreendidas como “estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo” (ROLNIK, 1993: 241), que reverberam, ecoam e se

proliferam, e que, encetando na memória, têm, no pensamento, um modo possível de corporificação. Esses rastros decorrem, talvez, do seu ingresso na Marinha, quando adolescente, que o fez sair de sua cidade, Japaratuba, e desbravar o Brasil. Ademais, nesse processo se apropriava dessas imagens para conceber a condição de deriva, inconstância, agonística e demais temas de dimensão metafísica enquanto uma “metáfora paradigmática para a existência” (MIGUEL, 2020). A recorrência desses elementos possibilita afirmar que há uma “ecologia de navios” (MIGUEL, 2020).

Além disso, é possível pensar que ele acaba por transgredir a imagem da *Nau dos Loucos*, haja vista que, se era essa embarcação que afastava os desvairados das cidades, Bispo, estando em uma colônia-hospitalar, que tentava reproduzir um povoado interiorano, se afirma enquanto agente criador e se potencializa a partir da produção de embarcações, que o aproxima e o leva a lugares outros. Invertendo a lógica do degredo e da exclusão, Bispo se utiliza desse mesmo simbolismo numa perspectiva de positivação de sua existência, a partir desses signos náuticos. Ao invés de os loucos serem entregues aos caprichos dos marinheiros, aqui o insano capitaneia os rumos da viagem, como timoneiro e senhor da situação. Esses deslocamentos ocorrem de diferentes caminhos, visto que seu nome foi dado a um museu, a uma premiação, virou tema de enredo de escola de samba e sua obra viajou o mundo e ultrapassou fronteiras.

Seu modo de viver e de produzir se materializaram em mais de 800 obras, entre bordados, colagens, standartes e tapeçarias. Além de coleções de objetos a partir de restos, descartes, itens do cotidiano e materiais relegados ofertados por companheiros, seus visitantes ou recolhidos por ele. Isso dentro de uma instituição de enclausuramento, disciplinarização, inspeção, observação, vigilância, que, por vezes, poda as subjetividades e mina as potências criativas; e o faz através de tratamentos invasivos. Como Bispo ficou internado em instituições psiquiátricas de 1938 até 1989, pôde sentir na pele as transformações dos discursos e modos de operacionalizar os espaços voltados para a saúde mental e tratamentos psíquicos, que incluíam choques elétricos, medicação sedativa e até lobotomia.

Outrossim, Bispo resistia de diversos modos, fosse não tomando todos os medicamentos que lhes prescreviam ou intervindo e transformando sua cela (de sua cama até as paredes) em mais uma de suas obras. Demorou para que houvesse algum tipo de manutenção e de preservação desse acervo, devido à ausência de infraestrutura adequada, além do abandono e da precarização por parte das instituições públicas de saúde, bem como as de memória e patrimônio. Nesse cenário é possível perceber que por mais que

Bispo tenha sido colocado à margem por conta de sua raça, classe e, posteriormente, pelo diagnóstico que o levou a ser alocado num local periférico como a Colônia, ele foi capaz de, pela execução de seu trabalho, fundar, pelas bordas, um espaço heterotópico.

Historicamente as concepções de louco e de loucura foram fortemente marcadas por um viés moralizante, em que os que recebiam tal denominação eram sujeitos com comportamentos desviantes das normas socialmente estabelecidas, ou seja, eram internados não só aqueles que ouviam vozes inaudíveis para outrem ou que tinham surtos psicóticos, mas também alcoólatras, sífilíticos, tuberculosos, vadios e toda uma classe de degenerados. Talvez a aproximação entre as artes/artista e a loucura/o louco seja que ambos ocupam e podem ocupar o espaço da exceção, do desvio, daquilo que não precisa estar padronizado e onde há certa aceitação de práticas inusuais. Neste contexto, a principal missão de Bispo, segundo ele mesmo, era inventariar o mundo existente, coletar, reunir e agrupar (BURROWES, 1999). Dito de outro modo lhe foi possível zelar pela memória, pelo patrimônio e pelo acervo da humanidade. Ocorre desta forma uma contínua acumulação do tempo sobre si próprio (FOUCAULT, 2013) e emerge:

a ideia de tudo acumular, a ideia de constituir uma espécie de arquivo geral, a vontade de encerrar em um lugar todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos; a ideia de constituir um lugar de todos os tempos, que seja ele mesmo fora do tempo, e inacessível a sua corrosão; o projeto de organizar, assim, uma espécie de acumulação perpétua e indefinida do tempo em um lugar que não se moveria: (...) (p.119).

A heterotopia, por conseguinte, comporta a sobreposição de vários espaços que poderiam parecer incompatíveis em uma mesma alocação, como, por exemplo, na tela do cinema ou no palco do teatro em que há uma sucessão de acontecimentos, tempos, espaços em um breve intervalo de tempo que rompe com uma configuração tradicionalmente cronológica. Os museus são expoentes de heterotopias acumulativas do tempo, onde ele se apinha sobre si (FOUCAULT, 2013) e deixa entrever aberturas, virtualidades.

Considerações finais

Lima e Bispo são subjetividades insurgentes que, em atividades produtivas, são capazes de desviar o olhar dirigido ao doente para outra classe de eventos, permitindo imaginar formas outras possíveis de lidar com a situação de urgência, oferecendo

narrativas alternativas, com desvios e linhas fuga dentro de um esgarçamento dessas tramas das relações de poder.

Artistas desviantes como eles contribuem para uma reflexão acerca da humanização da rede de assistência em saúde mental, fora do circuito interminável da institucionalização. Desde aí, é possível experienciar a viabilidade de novas práticas que se compõem com o espaço em que o sujeito está inserido. Essa mudança transcorre num movimento de “passagem”, de travessia, de devir, em que o “louco agrilhado” e nós mesmos nos vemos na iminência de tornarmo-nos outros. Mesmo estando em situação de aprisionamento, loucos ou prisioneiros muitas das vezes eram aqueles responsáveis pela própria locomoção das embarcações; grumetes, fazendo os trabalhos braçais de bordo e remando. Acorrentados, porém em trânsito, presos em meio ao azul ao redor; prisioneiros em deslocamento, aderidos a uma ideia de transitoriedade incontornável. Enclausurado no navio

de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada. É o Passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem (FOUCAULT, 2017:12).

O navio enquanto tal, em pleno funcionamento, está em fluxo permanente, entre dois ou mais pontos de ancoragem. Fora do porto é virtualidade. Somos passageiros, prisioneiros, condenados ao trânsito, à transitoriedade, distanciados por um espaço de liberdade que há entre nós e o mar. “Prisioneiros da passagem”... Às vezes não somos nós que comandamos o ato de navegar, mas “navegados” de acordo com as marés e seus refluxos. Seguindo essa acepção, nos lançamos numa empreitada incerta, enfrentamos tormentas e derivas e nos deparamos com os poderes maravilhosos do mar, identificados, por exemplo, na prática da “banho de mar”, recomendada aos alienados como remédio para suas inquietudes. As correntes marinhas, as vagas e seu ir e vir fazem-nos lançar ao turbilhão do desconhecido, projetam rumo a uma rota incerta, sujeita às forças da natureza, ao passo que seu aspecto de mansidão, na calmaria, espelhando o céu estrelado, trazem uma perspectiva de algo maior, infinito, conforme o descreve Júlio Verne. O elemento aquático é talvez o princípio e a origem da vida, substância que se acomoda com fluidez às formas que a circunscrevem.

O mar é tudo. Cobre sete décimos do globo terrestre. O seu hálito é são e puro. É um imenso deserto onde o homem nunca está só. O mar é o veículo de uma existência sobrenatural e prodigiosa. É movimento e amor. É o infinito vivo, como afirmou um dos seus poetas. Nele reina a suprema tranquilidade. O mar não pertence aos déspotas. Ah!

O senhor professor deveria viver no seio dos mares! Só aí há independência. Aí não reconheço amos! Sou livre! (VERNE, 2018: sp.).

Atividades autorais, processos de produção artística e o exercício da comunicação pela linguagem escrita são práticas de liberdade em que é possível se alterar, quando nos tornamos outros, diferentes daquilo que éramos; isso se apresenta, inclusive, nas personas públicas que assumimos ou nos nomes sociais. Lima, nas dependências do HNA, como seu pai, sonhava ser Nemo⁴. Bispo também mantinha relações estreitas com as embarcações, chegando ao ponto de dismantelar muitas concepções atribuídas a esse instrumento de colonização, a essa “máquina mercante”. Na atualidade, navegamos outros mares, interconectados pelas redes sociais/virtuais, que fornecem um sem número de possibilidades, mas também hiperbolizam os dispositivos de vigilância que capturam, tomam de assalto nossos tempo e atenção. Habitamos nesses espaços problemáticos, que, contudo, possibilitam linhas de fuga e relações outras, heterotópicas, nos confinamentos nossos de cada dia.

Referências

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 11 ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017
- BARRETO, Lima (1920/1921). *Diário do Hospício*. O Cemitério dos Vivos. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BARRETO, Lima (1911). *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014.
- BARROS, Adelina Alves. “O CEMITÉRIO DOS VIVOS”: A EXPERIÊNCIA MANICOMIAL DE LIMA BARRETO. Dissertação (mestrado). Universidade

- Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós Graduação em História. Fortaleza, 2016.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Em: *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BIRMAN, Joel. A cidadania transloucada. Em: BEZERRA, Benilton Jr; AMARANTE, Paulo. (Orgs). *Psiquiatria sem hospício*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- BURROWES, Patrícia. *O Universo segundo Arthur Bispo do Rosário*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- CLAPER, Jeanine Ribeiro. *Colônia agrícola para alienados no Rio de Janeiro (1890-1924): discursos, projetos e práticas na assistência ao alienado*. Tese de Doutorado. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2020.
- COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. 3ª ed- Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- DE-SIMONI, Luiz (1839). Importância e necessidade da criação de um manicômio ou estabelecimento especial para o tratamento dos alienados. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* VII, 1, p. 142-159, 2004
- FERNÁNDEZ-SAVATER, Amador. Espanha: a invenção da praça. *Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*. São Paulo . ano 8 . nº 13 outubro 2011, pp. 250-260.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. Dos outros espaços. *Estudos Avançados*, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013a.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- FREITAS JUNIOR, Octavio D. Lacunas e dobras das relações da psiquiatria com a medicina. Em: RUSSO, Jane e SILVA FILHO, João Ferreira da (org.). *Duzentos anos de Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.
- HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- LAVAL, Christian. Foucault e a experiência utópica. Em: FOUCAULT, Michel. *O enigma da revolta*. Entrevistas inéditas sobre a revolução iraniana. São Paulo: n-1 Edições, 2018, p. 102-142
- MIGUEL, Marlon. Representing the World, Weathering its Ends: Arthur Bispo do Rosário's Ecology of the Ship. Em: "Weathering: Ecologis of Exposure." Ed. By

- Christoph F. E. Holzhey and Arnd Wedemeyer, *Cultural Inquiry*, 17 (Berlin: ICI Berlin Press, 2020a), pp 247 – 276.
- MOREIRA, Juliano (1905). Notícia sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 4, n.4, p.728-768, 2011.
- RIBEIRO, Sidarta. *O Oráculo da noite: a história e a ciência do sono*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir – Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de subjetividade*, v.1 n.2. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993. p. 241-251
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. 1ªed- São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- VERNE, Jules. *20 Mil léguas submarinas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. Edição Kindle.

Daniele Gomes
Programa de Pós Graduação em Educação - PPGE/UFRJ
E-mail: danielegomess@live.com

Fernando Mello Machado
Programa de Pós Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia
HCTE/UFRJ
E-mail: fmellmach2@gmail.com

¹

Nesse caso, a ideia de virtual vincula-se à noção deleuziana, pensada no horizonte ontológico como meio de compreensão da diferença e está pareado com a noção de atual. A operacionalização do par atual-virtual não coloca o segundo termo em um lugar mais abstrato que o primeiro e não se restringe a ideia de um mero possível, mas sim engendra-se com o real. Ele se afasta da concepção aristotélica de potência e ato, fazendo com que o virtual não se complete ou se efetive ao se atualizar, mas há uma coexistência e acompanhamento do atual, sendo, ambos, plenamente reais.

²

O primeiro núcleo erguido, em 1924, chamava-se Rodrigues Caldas, mas em 1935 ele foi renomeado como Colônia Juliano Moreira e se mantém até hoje.

³

João Henriques de Lima Barreto (1853-1922) ocupou cargos administrativos importantes nas *Colônias Agrícolas para Alienados da Ilha do Governador* entre 1890 e 1903. O pai do escritor foi figura central em sua vida. Ele aparece retratado, sobretudo, na sua obra prima, cujo personagem principal – *Policarpo Quaresma* – é nele inspirado.

⁴

Veja-se essa passagem extraída do *Diário do Hospício* (2017), por exemplo: “O mar e Júlio Verne me enchiam de melancolia e de sonho. Não gostava muito das viagens fantásticas, como à Lua, ou que tivessem por entrecho uma coisa inverossímil [...] mas, de todos os livros, o que mais amei e durante muito tempo fez o ideal de minha vida foram as Vinte mil léguas submarinas. Sonhei-me um Capitão Nemo, fora da humanidade, só ligado a ela pelos livros preciosos, notáveis ou não, que me houvessem impressionado, sem ligação sentimental alguma no planeta, vivendo no meu sonho, no mundo estranho que não me compreendia a mágoa, nem me debicava, sem luta, sem abdicação, sem atritos, no meio das maravilhas” (p.84).